



DANIEL BATISTA PACHECO

**ENTRE *LIKES* E LÁGRIMAS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE O
SOFRIMENTO PSÍQUICO POR DETRÁS DAS DINÂMICAS DO INSTAGRAM**

Marabá/PA
2024

DANIEL BATISTA PACHECO

**ENTRE *LIKES* E LÁGRIMAS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE O
SOFRIMENTO PSÍQUICO POR DETRÁS DAS DINÂMICAS DO INSTAGRAM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada à Faculdade Carajás como
requisito parcial para obtenção de título de
Bacharel em Psicologia.
Orientador: Prof. Me. Ozilea Sousa Costa.

Marabá/PA

2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

DANIEL BATISTA PACHECO

ENTRE *LIKES* E LÁGRIMAS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE O SOFRIMENTO PSÍQUICO POR DETRÁS DAS DINÂMICAS DO INSTAGRAM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade dos Carajás
como requisito parcial para obtenção de título de Bacharelado em Psicologia.

Prof. Dr. Lauro da Silva Barbosa

Prof. Msc. Ozilea Sousa Costa

Prof. Msc. Milla Maria de Carvalho Dias Vieira

Marabá, 22 de novembro de 2024.

ENTRE *LIKES* E LÁGRIMAS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE O SOFRIMENTO PSÍQUICO POR DETRÁS DAS DINÂMICAS DO INSTAGRAM

Daniel Batista Pacheco¹

Ozilea Sousa Costa²

RESUMO

O presente artigo introduz uma análise dos processos de subjetivação e do mal-estar na contemporaneidade, associados ao uso da plataforma Instagram. Com base na psicanálise freudolacanianana, busca-se examinar as dinâmicas subjetivas que envolvem o sujeito em sua interação com essa plataforma. As contribuições da psicanálise para a compreensão dos processos de constituição do sujeito e de formação do eu, considerando os estágios do narcisismo descritos por Freud e a metáfora do estágio do espelho proposta por Lacan, permitem articular essas teorias às dinâmicas psíquicas presentes na experiência virtual. Isso possibilita uma compreensão ampliada do sofrimento psíquico relacionado ao uso do Instagram. O estudo também investiga os novos modos de ser, estar e se relacionar que emergem das interações na plataforma, levando em conta as influências da contemporaneidade. Essa cultura é marcada pelo imperativo da lógica do mercado e pela ênfase no culto às aparências, fatores que repercutem em experiências de angústia, solidão e insatisfação do sujeito. Além disso, o estudo discute as exigências superegoicas presentes nas postagens do Instagram, o fenômeno da "cultura do cancelamento" e as conexões virtuais mediadas por curtidas e comentários. Identifica-se, assim, a complexidade dos dilemas do sofrimento psíquico como aspectos intrínsecos à constituição da subjetividade desde a infância, intercambiada pelas primeiras relações objetais. Como metodologia, foram selecionados artigos, livros e teses que abordam a interseção entre Instagram, contemporaneidade e mal-estar, analisados sob a perspectiva da psicanálise. Por fim, o artigo reflete sobre as contribuições do campo psicanalítico para a promoção da saúde mental em uma época marcada pela primazia do espetáculo instagramável.

Palavras-chave: Psicanálise. Rede Social. Narcisismo. Sofrimento. Sociedade.

ABSTRACT

The present article introduces an analysis of the processes of subjectivation and discomfort in contemporary times, associated with the use of the Instagram platform. Based on Freudian-Lacanian psychoanalysis, it seeks to examine the subjective dynamics that involve the subject in their interaction with this platform. The contributions of psychoanalysis to understanding the processes of subject constitution and ego formation—considering Freud's stages of narcissism and Lacan's mirror stage metaphor—allow these theories to be connected to the psychic dynamics present in the virtual experience. This enables an expanded understanding of the psychic suffering related to Instagram use. The study also investigates the new modes of being, existing, and relating that emerge from interactions on the platform, taking into account the influences of contemporaneity. This culture is marked by the imperative logic of the market and the emphasis on the cult of appearances, factors

that impact experiences of anguish, loneliness, and dissatisfaction in the subject. Furthermore, the study discusses the superegoic demands present in Instagram posts, the phenomenon of "cancel culture," and the virtual connections mediated by likes and comments. Thus, the complexity of the dilemmas of psychic suffering is identified as intrinsic to the constitution of subjectivity, shaped by early object relations from childhood. As a methodology, articles, books, and theses addressing the intersection of Instagram, contemporaneity, and discomfort were selected and analyzed from a psychoanalytic perspective. Finally, the article reflects on the contributions of the psychoanalytic field to promoting mental health in an era marked by the primacy of the Instagrammable spectacle.

Keywords: Psychoanalysis. Social Media. Narcissism. Suffering. Society.

¹ Discente do curso de bacharelado em Psicologia na Faculdade dos Carajás; danbatistapacheco@gmail.com

² Docente do curso de bacharelado em Psicologia na Faculdade dos Carajás, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Psicologia Jurídica e em Saúde Mental; ozileasousacosta@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na contemporaneidade, os modos de ser e estar estão intrinsecamente entrelaçados às transformações socioculturais decorrentes nos meios midáticos das redes sociais. Os indivíduos, cada vez mais conectados, subjetivam o seu *modus vivendi* nas complexas teias das interações virtuais. Freud, em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), afirma que toda psicologia individual é por essência social. Assim, o sujeito, como efeito da cultura, ressurge no enlace das relações com o outro.

Na vida psíquica do ser individual, o outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (FREUD, 1921, p.12)

O Instagram, uma das redes sociais mais populares na atualidade, se destaca pela autoexposição visual e pelas interações mediadas por seguidores, curtidas e comentários. Esse espaço online, amplamente utilizado, transforma a vida cronicamente em um espetáculo constante em torno do eu, fomentando uma cultura de aparências, que conserva a atenção e a libido no eu, ou melhor, em um “show do eu”.

Dessa forma, a tela [...] se abre como “um espelho de Narciso, um espelho que refletirá não a imagem de contornos próximos ao real, mas a imagem que o sujeito deseja ter de si mesmo” (PINTO, 2009, p. 71 apud RIBEIRO, 2018)

Guy Debord, em *Sociedade do espetáculo* (1967), argumenta que o indivíduo contemporâneo concede primazia a aparência em detrimento dos laços sociais. Essa dinâmica narcísica atual, revela uma cultura marcada pelo autocentrismo na imagem ideal, onde o sujeito se torna um ator na cena da vida, e o prazer de suas vivências se dissolve no espetáculo dos registros fotográficos. Assim, como corrobora Llosa (2013), o espetáculo desenvolve um novo modo de se viver, onde aparecer tornou-se mais importante do que o ser (LLOSA, 2013 apud RIBEIRO; MOSCON, 2018).

O palco das aparências na contemporaneidade, destaca uma prevalência do individualismo conectado, subvertendo a relação interpessoal por uma conexão virtual. Essa constante busca por uma vivência instagramável¹ inverte a apreciação do que

¹ O termo “Instagramável” é utilizado para se referir a algo que é visualmente atraente e adequado para ser

realmente importa, fazendo a imagem sobrepor a experiência genuína da beleza. Infere-se, desse modo, nas palavras de Contardo Calligaris em *O sentido da vida* (2023), que para ver o belo, é preciso estar atento, no entanto, a selfie faz estar de costas para o que deveria estar olhando.

De acordo com a autora Maria Rita Kehl na obra *O tempo e o cão* (2009), o imperativo do hiperconsumo, presente na contemporaneidade, promove uma cultura que esmaga o sujeito, tornando-o uma mera peça substituível, sem singularidade ou identidade. Por sua vez, Rosa (2017) destaca que, somos conduzidos a consumir cada vez mais, nos tornando mercadoria dos estilos de vida que criamos. Em vista desse império imagético, processos neoliberais se associam a vivência no Instagram. Assim, o sujeito, na produção da *imago* fálica através das publicações, termina sofrendo os algozes dessa ilusão.

Vale ressaltar, que a exposição de vidas perfeitas no Instagram articula-se com a urgência de alcançar visibilidade online. Segundo Turcke (2004), “aquilo que não é percebido é classificado como um nada, assim como um sujeito que não é percebido se torna um ninguém” (RIBEIRO; MOSCON, 2018, p. 40). Nesse cenário, as publicações seguem uma coerência narcísica, onde raramente serão publicados conteúdos que não possam ser admirados. Dessa forma, o sujeito se vê compelido a confluir os domínios público e privado de sua vida, promovendo uma imagem de felicidade plena.

Assim sendo, para entender essas interações, a psicanálise, a partir de Freud e Lacan, propõe um arcabouço teórico para a compreensão do sujeito e sua imagem, seja ela real ou virtual. Contemporaneamente, constata-se as implicações desta teorização na subjetividade e no mal-estar gerados pelas dinâmicas do Instagram, atentando-se a função crítica da psicanálise em cada época:

Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico (LACAN, 1953/1998, p. 322).

A fim de compreender como esses movimentos influenciam a subjetivação do indivíduo e a produção do mal-estar, este trabalho abordará as complexidades em torno da dinâmica do se dá a ver na plataforma do Instagram, promovendo uma reflexão crítica sobre esse contexto. Nosso estudo é de natureza descritivo-exploratória e se fundamenta em um

compartilhado no Instagram, geralmente destacando estética, criatividade e originalidade.

estudo teórico visando abranger uma gama fenômenos mais amplos (GIL, 2002).

O presente estudo tem como problemática e objetivo geral uma compreensão por meio de uma leitura psicanalítica sobre os efeitos da utilização da plataforma do Instagram no sofrimento psíquico. Além disso, busca-se examinar como as transformações nas dinâmicas das relações humanas, mediadas pelas imagens e representações no Instagram, afetam a subjetividade, propondo uma análise dos elementos primitivos da constituição psíquica que influenciam o comportamento do sujeito enquanto usuário da plataforma. Ademais, ao considerar os aspectos do contexto sociocultural, o estudo propõe uma investigação das implicações da lógica mercadológica que atravessa os espaços digitais da plataforma.

Espera-se, como resultados, compreender os efeitos do Instagram no adoecimento psíquico, considerando a redução das interações humanas e a cultura do cancelamento. Pretende-se problematizar a cultura superegoica nas dinâmicas das postagens do Instagram, especialmente em vista dos atravessamentos da lógica neoliberal. Além disso, busca-se compreender o dilema da angústia, solidão e desamparo existencial nos espaços remotos do Instagram. Por fim, visa-se apresentar as contribuições do campo psicanalítico para a reflexão individual em torno do espetáculo instagramável, promovendo uma crítica que contribua para intervenções mais eficazes na saúde mental e para o desenvolvimento de interações mais saudáveis no ambiente digital.

Inicialmente, buscamos investigar a formação do eu, explorando a constituição psíquica do sujeito sob o olhar da psicanálise de Freud e Lacan. Concomitantemente, relacionamos essas articulações teóricas às dinâmicas de exposição e busca por validação contidas no Instagram. Em seguida, examinamos as consequências da primazia da imagem e do espetáculo na cultura digital, analisando como a superficialidade das conexões virtuais tendem a substituir interações autênticas e genuínas. Por fim, o artigo propõe uma reflexão sobre a importância de resgatar as experiências humanas não virtuais destacando as relações interpessoais como aspectos fundamentais para a promoção de saúde mental.

O presente texto integra parte do referencial teórico desenvolvido para um estudo maior submetido a um periódico científico. Atualmente, o artigo encontra-se submetido para avaliação pela revista (Cadernos de psicanálise) e está aguardando o aceite. Este material foi elaborado com o objetivo de contribuir para o campo acadêmico, especialmente no que se refere às discussões sobre subjetividade, sofrimento psíquico e a plataforma do

Instagram, sob a perspectiva psicanalítica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Lacan refere que é nosso privilégio ver as imagens perfilarem-se no cotidiano. Essas imagens, cujos rostos estão velados, revelam que “a imagem especular parece ser o limiar do mundo visível” (LACAN, 1998, p.99). Assim, no império de imagens perfiladas na contemporaneidade através do Instagram, nota-se que o campo da virtualidade transcende à tecnologia digital, incorporando a dimensão virtual à vida real. Essa realidade evidencia que através da imagem o sujeito se reconhece e é constituído no eu. Portanto, a imagem é uma instância primária a ser compreendida.

Em sua obra, *O seminário IV: a relação de objeto* (1901-1981), o autor aponta: “é como significante que a imagem entra em jogo em seu diálogo, e é como significante que ela representa alguma coisa” (LACAN, 1901 p. 42). Tal processo implica na formação da imagem a partir da relação dialética do sujeito com o Outro², resultando numa operação narcísica estruturante nos tempos da infância.

Em *O estádio do espelho como formador da função do eu*, (1949), Lacan teoriza sobre a formação do sujeito, utilizando a metáfora do estádio do espelho como um instrumento para elucidar os processos constitutivos em torno do eu.

Tudo o que a criança aprende nessa cativação por sua própria imagem é, precisamente, a distância que há de suas tensões internas, aquelas mesmas que são evocadas nessa relação, à identificação com essa imagem. (LACAN, 1901, p. 15 -16)

O bebê, no período de 6 meses, está sendo atravessado pela fragmentação das pulsões auto-eróticas, carregando os excessos libidinais que marcam as múltiplas sensações que sobrevêm ao seu corpo, e que regem a sua dinâmica psíquica. Nesse período, percebe que está espedaçado, sem unificação tanto do corpo, como de sua imagem. Sob essa ótica, a partir do espelho do outro, a criança projeta o eu ideal numa dimensão virtual e especular, aparecendo como uma miragem no reflexo do espelho. Em

² O termo “Outro”, é designado como grande Outro, escrito com O maiúsculo na psicanálise de Lacan, referindo-se a instância que media a relação entre o eu e o mundo simbólico, sendo crucial para a constituição do sujeito.

relação a esse aspecto, Sirelli (2010) - remetendo-se a Lacan (1949) - afirma que a imagem é construída e apontada pelos pais ou por aqueles que fazem esta função, sendo constitutiva ao sujeito. Logo, ela superpõe o corpo ainda fragmentado do bebê, possibilitando sua unificação e surgimento do eu. Nas palavras de Lacan: “o eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (LACAN, 1949, p. 98).

O ponto central da reflexão de Lacan, conforme afirma Sirelli (2010) é de que a imagem não se restringe a um espelho concreto, mas a de um semelhante. Ao tomar a imagem de um outro como a própria, a criança se identifica, construindo para si alguma consistência imaginária. Desse modo, o eu ideal projetado pela criança, é um Outro especular que funciona como ponto de apoio às demais identificações, um duplo de si mesma, na qual a criança se identifica. Portanto, não é ela mesma, mas permite-a se reconhecer. (SIRELLI, 2010 p. 19).

Sirelli, referindo-se ao pensamento de Fernandes (2000), afirma que o eu ideal corresponde a uma perfeição narcísica vivida pelo eu real na infância, a perfeição, e todos os demais atributos projetados pelos pais sobre o bebê (SIRELLI, 2010, p.19 apud FERNANDES, 2000). A respeito disso, Freud (1914) nomeia de narcisismo esse tempo de desenvolvimento, no qual resulta no investimento da libido do eu em si mesmo, levando a criança a enxergar-se como um objeto privilegiado.

As características dessa fase narcísica, na qual os instintos sexuais, até então dissociados, se reúnem numa unidade isolada e catexizam o ego como objeto [...] nunca é totalmente abandonada. Um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido. (FREUD, 1913-1914, p. 64)

O narcisismo em Freud corresponde ao estágio do espelho em Lacan, e ambos descrevem esse tempo constitutivo como estágios passageiros do movimento libidinal do sujeito, contrariando as fases evolutivas do desenvolvimento. Diante disso, formam uma estrutura permanente, apesar de novas reestruturações libidinais em sua vida. Nas palavras de Lacan (1949), esse tempo encerra-se no encontro do sujeito com uma identificação, compreendendo a relação do organismo interno com a realidade externa.

O estádio do espelho [...] fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade, e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1949, p.100)

Esse processo alude ao reconhecimento narcísico do sujeito, que outrora se percebia fechado no eu ideal, mas agora de forma integrada emerge num ideal de eu, resultado da castração simbólica. Sob essa ótica, a função paterna, a partir do ideal de eu, organiza o sujeito advindo do narcisismo primário a lidar com os ditames da civilização. Essa função atua através do referencial, a instância psíquica do supereu, tirânica e exigente; cobrando do sujeito o alcance desse referencial. Conforme Sirelli (2010, p. 68), o supereu aparece “como coerção externa internalizada”. Ele é o advogado do sujeito, latindo como um cão voraz, exigindo agressivamente um esforço à perfeição, e sujeito ao seu algoz, faz de tudo para sustentar o ideal de eu.

SOB O OLHAR DO OUTRO: O FRACASSO DO POST E OS EFEITOS NO SUJEITO

Aplicando a leitura lacaniana sobre a formação do eu (LACAN, 1958) à lógica da comunicação no Instagram, observa-se que ao publicar um *story*³ ou *feed*⁴, não só é exposto um retrato, mas publica-se uma representação idealizada do eu. Nesse viés, o olhar do outro se configura como um espelho, no qual o sujeito busca reconhecimento e validação. Assim, a imagem frequentemente escamoteia a realidade, exibindo uma versão ostentatória e fálica, transitando entre a realidade e o imaginário. Isso significa que a imagem não reflete necessariamente a experiência concreta do sujeito, mas antes uma projeção de seus desejos e ideais sobre como espera ser reconhecido.

Paralelo a isso, nota-se que as publicações de fotos e vídeos no Instagram remontam a dinâmica entre eu ideal e do ideal de eu na busca de perfeição. O sujeito alienado ao eu, estagna no tempo, cristalizando imagens que sejam perfeitas, plenas e completas. Diante do espelho do olhar do outro, também sustenta um ideal de eu demandado pelo público que o visualiza, sendo constantamente compelido a sustentar uma representação que atenda as expectativas de seus seguidores.

³ No Instagram, o “story” é um recurso utilizado para publicar fotos e vídeos temporários que desaparecem após 24 horas.

⁴ No Instagram, o “feed”, é a grade permanente onde as publicações ficam visíveis em um perfil.

O movimento narcísico do sujeito no Instagram assemelha-se ao do famoso personagem mítico Narciso⁵ quando esteve diante de seu reflexo no rio. Na variação literária do mito, contada por Ovídio, Narciso se apaixona por sua imagem refletida na água, sem saber que era ele mesmo. Atônito e fascinado diante de seu reflexo, ali mesmo definha-se. Paralisado diante da imagem perfeita, esbofetea-se até a morte, por não conseguir alcançar a plenitude da imagem ideal.

A priori, assim como Narciso, o sujeito na plataforma do Instagram estagna diante da imagem oferecida pela cultura, e ao tentar alcançá-la fracassa. A posteriori, ele se pune com sentimentos de insuficiência e culpa, em um mal-estar traduzido na nova linguagem digital, como estar *flopado*⁶, isto é, sentir-se fracassado quando a imagem publicada não atinge o devido engajamento e validação. Logo, o *flop*⁷, encobre os diversos significantes do fracasso, que afetam diretamente a subjetividade, evidenciando as premissas de “não sou importante”, do “sou esquecido”, logo, “não sou amado”.

Gomes, Filho e Teixeira (2021, p. 97) afirmam que enquanto o olhar contemplativo aloja a estética da imagem na rede social, essa mesma função se apresenta como uma armadilha, uma vez que a imagem é ausente em perfeição e insuficiente ao sujeito. Surge uma insatisfação, porque o supereu destaca as falhas na imagem plena, levando o sujeito a estar preso em um ciclo de comparações excessivas, sempre compelido a corresponder o ideal de eu oferecido pelo público que o visualiza. Essas situações remetem ao que Françoise Dolto, escreveu em seu livro *Solidão* (1998): “Diga-me alguma coisa para que eu possa existir” (DOLTO, 1998, p. 73). Nesse viés, na solidão depressiva, o sujeito demanda ao outro uma validação, e, tal como a criança um dia esteve desamparada, submetida a dependência do outro, ele procura, por meio dos feedbacks do Instagram, no espectro do olhar do outro, o seu sentido de existência, e assim estrutura seu sofrimento.

Diante dos recursos virtuais do Instagram, o sujeito se vê em um ato regressivo, assumindo a posição de objeto para o outro, e frequentemente sentindo-se descartado quando não conquista sua validação. Vale ressaltar, que esse descarte não é literal, mas

⁵ Narciso é uma figura da mitologia grega, conhecido por sua beleza excepcional. Segundo o mito, ele se apaixonou por sua imagem refletida na água e, incapaz de se afastar dela, acabou morrendo afogado.

⁶ O termo “flopado” é gíria bastante usada nas redes sociais, que vem do inglês “flop”, que significa falhar ou não ter sucesso, especialmente no contexto de lançamentos de músicas, filmes, produtos e publicações. Geralmente significa que não atingiu as expectativas ou não fez sucesso, recebendo críticas negativas ou tendo baixo desempenho comercial.

⁷ O “Flop” é um termo em inglês que significa falhar ou não obter sucesso.

resulta da fantasia do sujeito, em virtude de sua realidade psíquica ao interpretar o afeto que lhe sobrevém quando não é validado através das curtidas, tendo uma impressão de uma imagem borrada, ausente da plenitude ideal.

Maria Rita Kehl (2009) aponta que “as formas históricas da cultura que integram o supereu agem diretamente sobre o sujeito do inconsciente” (KEHL, 2009, p. 91). Tal afirmação revela que as pressões e as exigências por um *imago* ideal não partem necessariamente das pessoas que estão do outro lado da tela, mas do agente interno da civilização que está no sujeito, o supereu, apontando o modelo de eu, no qual deve conformar-se.

Esse cenário, evidencia que as dinâmicas do Instagram operam numa ambivalência entre idealização do eu e a agressividade do supereu. Segundo Freud (1930): “A tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição” (FREUD, 1930 p. 59). O sujeito não se satisfaz no único post, mas vive na compulsão em ter que postar cada vez mais, sustentando a imagem idealizada para garantir um reconhecimento do olhar do outro. Esse movimento inconsciente diante do ideal de eu, paradoxalmente, refere-se ao trabalho psíquico envolto na busca pela recuperação do eu ideal perdido, através da perfeição da publicação e o desprazer na insuficiência dessa imagem.

Para Lijntjens (2015) a grande inquietação do desejo que impele o sujeito nas dinâmicas do Instagram é “para quem sou importante?”. Percebe-se que o espelho no olhar do Outro, um dia presente nos estágios infantis, é diluído nos entres das visualizações. Diante disso, essa representação do eu ideal publicado na postagem virtual é apenas uma ilusão narcísica que serve como um truque para escamotear a falta.

O IMPÉRIO DA IMAGEM: A CULTURA DO CANCELAMENTO E A DEPENDÊNCIA DO OUTRO

Tendo em vista que todo sujeito é efeito dos contextos socioculturais em que está inserido, a vida psíquica do sujeito contemporâneo é afetada, particularmente, por meio das dinâmicas do Instagram. Como postulado por Birman (2014), o inconsciente não está no registro do indivíduo, mas para além do mesmo, incluindo o campo histórico e social (BIRMAN, 2014). Isso implica dizer que o sujeito é efeito da cultura em que está e a sua

subjetividade é construída no âmbito sociocultural.

Com o imperativo do consumo e da produtividade presentes na contemporaneidade, nota-se que os espaços do Instagram foram atravessados por essa lógica. Sob esse viés, o sujeito diante dessas dinâmicas virtuais é reduzido a um objeto substituível no mercado da visualização, perdendo a singularidade e sua identidade própria, subjetivando sua vida aos moldes de uma empresa, através dos cálculos de resultados, comparações e avaliações pessoais, por meio da imagem. Diante desse cenário, cria-se uma nova modalidade de relação social mediada pelas aparências, como afirma Kehl (2009):

O conceito de espetáculo, em Debord, não se resume a “um conjunto de imagens, mas [é] uma relação social entre indivíduos, mediada por imagens”. Isso equivale a dizer que, na sociedade do espetáculo, as imagens, em sua forma de mercadoria, é que organizam prioritariamente as condições do laço social (DEBORD, 1997, p. 14 apud KEHL, 2009, p. 93).

Rosa (2017) afirma que o sujeito é conduzido a consumir cada vez mais, tornando-se mercadoria dos estilos de vida que ele cria. Tal lógica do mercado, reina sobre o império de aparências no Instagram, remodelando as formas de interação em torno de um individualismo conectado no qual as conexões distinguem-se das relações, e a interação pelo Instagram constrói apenas uma relação sintética e idealizada. Como afirma o autor abaixo:

Começamos a viver (...) mais sob o olhar mudo de objetos obedientes e alucinantes que nos repetem sempre o mesmo discurso - isto é, o do nosso poder medusado, da nossa abundância virtual, da ausência mútua de uns aos outros" (BAUDRILLARD, 1991, p. 15 apud HELSINGER, 2014, p. 71)

Com os ritmos de vida mais acelerados, de acordo com Rosa (2003), a sociedade tenta acompanhar o avanço tecnológico, de modo que as interações sociais suprimem-se a um jogo de aprovação e desaprovação mútuas através dos *likes*⁸ e comentários, e estes passam ser os novos marcadores de valor pessoal. Como nas dinâmicas de uma empresa, o sujeito na plataforma está à deriva das reações e feedbacks, em um constante ciclo de comparação e competição, tornando-se mais um dos produtos vendidos no mercado de aparências. Dessa forma, nota-se que em vista de uma substituição dos laços da presença pela troca de imagens, prevalece no sujeito um sentimento de não pertencimento e uma

⁸ O termo “like” refere-se a um mecanismo de aprovação na plataforma do Instagram.

tendência ao isolamento.

Na plataforma do Instagram, o sujeito fantasia ser onipotente. Como afirma Freud (1921), a noção do impossível desaparece ao indivíduo na massa (p. 18). O sujeito imagina ter o controle editável de sua vida no Instagram. A plataforma reflete os desejos mais sublimes, e as tendências mais perversas do sujeito (MARTINO, 2015 apud MIRANDA e MARBACK, 2019), ecoando os seus aspectos mais obscuros, quando descarrega as pulsões agressivas em direção ao outro. A chamada cultura do cancelamento – fenômeno contemporâneo onde os indivíduos desaprovam publicamente e bloqueiam aqueles que expressam opiniões consideradas problemáticas, controversas ou ofensivas – possibilita pela fantasia do clique, que se possa excluir, boicotar e apagar de seu perfil todos os que pensam, discordam, ou vivem de modo diferente. Tais atos nas dinâmicas do Instagram promovem uma descarga pulsional, através das formas virtuais de censura, como os bloqueios, práticas de *unfollow*⁹, e desaprovações através de comentários agressivos, emergindo como métodos imaginários de aniquilamento do outro. Com isso, observa-se como a agressividade, como um representante da pulsão de morte, tende a *desfazer as relações*, como referido por Laplace & Pontalis (1967/2001).

O sujeito no Instagram está cada vez mais imerso em seu narcisismo. Suas interações virtuais direcionam-se sempre aos seus próprios ideais narcísicos, e a sua *timeline*¹⁰ composta de conteúdos que personificam os seus desejos mais sublimes. Nesse viés, percebe-se que ele não se relaciona com pessoas reais, mas com seus próprios ideais. Tal prática narcísica também é evidenciada na plataforma através do recurso tecnológico do algoritmo¹¹, quando este envia apenas conteúdos que personalizam os desejos e ideais do sujeito construindo virtualmente uma experiência cada vez mais satisfatória ao seu próprio narcisismo.

Nesse cenário de grande espetáculo no Instagram, a imagem virtual esconde a verdadeira necessidade do sujeito, a dependência do outro. O sujeito está sempre interrogando ao público “o que queres de mim?”, questionando ao desejo do outro. Conforme apontado por Lacan (1998) a fantasia leva a demanda aos limites do ser, e “faz com que o sujeito se interrogue sobre a falta em que ele aparece a si mesmo como desejo”

⁹ O “unfollow” é o termo em inglês para “deixar de seguir” na rede social.

¹⁰ A timeline, traduzido para “linha do tempo”, refere-se as postagens que aparecem na página inicial do usuário no Instagram, onde se vê as fotos e vídeos compartilhados pelas pessoas que se segue.

¹¹ O algoritmo é um aparato tecnológico que determina o curso das postagens, absorvendo as preferências, desejos e identificações pessoais do usuário.

(LACAN, 1998, p. 638). Tal aspecto evidencia a prevalência de uma cultura esmagadora do sujeito, como aponta Kehl (2009), revelando que o show da imagem espetacular é um fracasso diante da falta do ser.

O sentimento de insuficiência e o medo de perder o amor da instância que representa, no psiquismo, a esperança de recuperar a fatia de narcisismo e a porção de gozo perdidas tornam os neuróticos candidatos à depressão. [...] A dimensão subjetiva dos prazeres, das pulsões, dos afetos, transformou-se em força de trabalho na sociedade regida pela indústria da imagem (KEHL, 2009, p. 95 - 96).

A ilusão da autosuficiência e da onipotência na plataforma do Instagram, transforma o sujeito em seu próprio algoz: ora agindo como criminoso, e, ao mesmo tempo, o refém de suas próprias ações. Sofrendo como um prisioneiro de si mesmo, ele fantasia ter o controle de sua vida subjetiva, mas é atropelado pelo mal-estar, ao perceber que o mundo não é dobrável ao seu desejo.

Para Freud (1917): “o Eu não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 1917, p. 87). Embora o sujeito aparenta ter controle de sua vida subjetiva, ele não tem a autonomia sobre seus processos psíquicos, nem pode domar inteiramente sua sexualidade. Assim, sendo marcado pela falta do objeto pleno, que não cessa de deixar sua marca, nota-se que o controle editável de si mesmo nas dinâmicas do Instagram, é apenas uma ilusão de onipotência presente na plataforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica das publicações virtuais, promovida pelo Instagram revela como a cultura digital molda as subjetividades e as interações sociais. Na busca por reconhecimento e validação o indivíduo cria uma versão idealizada de si, mais próxima de uma imagem desejada do que da realidade concreta, pela lógica do espetáculo do narcisismo na plataforma, desconfigurando as experiências genuínas, e gerando sofrimento psíquico

Ao retormarmos a sociedade do espetáculo apontado por Debord, observa-se que o individualismo conectado ecoa no sujeito a carência dos vínculos sociais devido a primazia na imagem. A conexão virtual é diferente de uma relação social, e o sujeito como um ser relacional necessita do outro. Isso sugere que a interação social transcende a

superficialidade da relação sintética em torno da aparência, ora exemplificada nas dinâmicas do Instagram.

Sob o prisma do Instagram, nota-se a incapacidade do sujeito ao sustentar uma vida de fachada, e em meio a conexão virtual, permanece insatisfeito, cada vez mais isolado e carente das vivências reais. Assim, essa exposição constante gera um ciclo de comparações, inseguranças e insatisfação com a própria imagem. Diante dessa realidade, a saúde mental se mostra cada vez mais relacionada à capacidade de estabelecer conexões autênticas, transcendendo a superficialidade das interações virtuais.

Diante dessa realidade, torna-se essencial resgatar o valor das interações presenciais e da convivência autêntica, pois a saúde mental vai além de um ideal de “bem-estar pessoal” isolado, sendo possível nas vivências do “estar junto” em comunidade. O sujeito que substituiu o “estar junto” por um ideal virtual, recai nos embaraços de suas próprias necessidades. Infere-se, portanto, que torna-se imprescindível o cultivo das vivências reais, tendo em vista uma compreensão de que a saúde mental não é necessariamente sobre conquistar um “bem-estar pessoal” supremo, mas, imprescindivelmente sobre “estar junto” em comunidade.

Em decorrência do distanciamento físico provocado pelas conexões virtuais do Instagram na contemporaneidade, a saúde mental é um desafio que abará o âmbito de interações sociais de qualidade, valorizando as experiências reais em meio ao império de aparências ideais. Nesse sentido, o desafio contemporâneo é justamente encontrar formas de revitalizar a qualidade dos laços sociais em um cenário que tende a reduzi-los a meras trocas de aparências.

REFERÊNCIAS

- ADERALDO, Carlos; AQUINO, Cassio; SEVERIANO, Maria. Aceleração, tempo social e cultura do consumo. *Cadernos Ebape.br*, v. 18, n. 2, p. 365-376, 2020.
- BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CALLIGARIS, Contardo. *O sentido da vida*. São Paulo: Paidós, 2023.
- DEBORD, Guy, *Sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOLTO, Françoise. *Solidão*. São Paulo: Martins fontes, 1998.
- DRUBSCKY, Camila Andrade. Até que ponto o narcisismo pode ser datado?. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 2, p. 224, 2008.
- FREUD, Sigmund. (1913). *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 64. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13)
- _____. (1917). *História de uma neurose infantil*:(“O homem dos lobos”): Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 87.
- _____. (1923). *Psicologia das massas e análise do Eu*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.
- _____. (1925). *O eu e o id. “Autobiografia” e outros textos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996. p. 13-72.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Alice; FILHO, Raimundo; TEIXEIRA, Leônia. Nem ver, nem olhar: visualizar. *Ágora*.v. 24, n. 1, p. 91-99. 2021,
- HELSINGER, Natasha. As mutações na cultura, no narcisismo e na clínica. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, v. 36, n. 31, p. 69-93, 2014.
- KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-325.
- _____. (1956). *O seminário, livro IV: a relação de objeto*, Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 42.
- _____. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 322.
- _____. (1958) O estágio do espelho como formador da função do eu. In_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1967.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes*. Petrópolis:

Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Maria; RESENDE, Larissa; GOMES, Sarah. *O impacto das redes sociais na constituição do eu e narcisismo*. Dissertação (Graduação em Psicologia). Centro Universitário Una da rede Ânima Educação, 2023.

RIBEIRO, Michelle; MOSCON, Daniela. Reflexões sobre o uso do Instagram na contemporaneidade. *UNIFACS (Universidade Salvador)*, v. 17, p. 36-56, 2018.

ROSA, Hartmut. Contra a invisibilização de um “poder fatídico”: apelo à renovação da crítica do capitalismo. *Perspectivas*, São Paulo, v. 49, p. 17-36, 2017.

SIRELLI, Nilda Martins. *Alienação e separação: a lógica do significante e do objeto na constituição do sujeito*. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de São João del-Rei, PPGPSI-UFSJ, 2010.

UBINHA, Paulo; CARRSOLA, Roosevelt. Narciso: Poliformismo das versões e das interpretações psicanalíticas do mito. *Revista estudos de psicologia*. v. 20, n. 3, p. 69-81, 2003.